

# GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS ORAL DO BRASIL: O CASO “TIPO (ASSIM)”\*

*Vanda de Oliveira Bittencourt\*\**

## RESUMO

Neste trabalho busca-se estudar o processo de reanálise envolvendo o substantivo **tipo**, no português do Brasil. Assumindo um estatuto diverso do originário e associando-se freqüentemente ao advérbio **assim**, esse item lexical vem sendo empregado com novas acepções e funções nos diferentes planos da nossa língua, configurando-se, assim, como um caso de gramaticalização e discursivização em curso.

Uma velha (para não dizer folclórica) polêmica, ainda não de todo erradicada das indagações acerca da linguagem humana, é a que busca pesquisar os efeitos positivos ou negativos das alterações por que passam as línguas, seja em um de seus recortes sincrônicos, seja no seu fluxo temporal. Não é à toa que Aitchison lança-nos a questão no título interrogativo de sua obra **Language change: progress or decay?**, datada de 1981. Da mesma sorte são pertinentes as reflexões de Faraco (1991, p. 46-56), sobre o problema bem como o seu propósito de varrer de uma vez por todas qualquer preconceito em torno do dinamismo constitutivo das línguas.

No próprio território de teorias imanentistas como o estruturalismo, registra-se o reconhecimento dessa flexibilidade. Exemplo contundente disso nos é oferecido por Saussure (1915-1970, p. 74), seu fundador, que, embora se batesse pela exclusividade da sincronia, (segundo ele, única dimensão passível de uma descrição/análise sistemática), reconhecia que “o tempo muda tudo: não há nenhuma razão que leve a língua a escapar dessa lei universal”.

Se isso se dá entre os que enfocam a língua como objeto distante e indepen-

\* Partes deste trabalho foram apresentadas no Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: Controvérsias e Perspectivas, realizado na FALE/UFMG, em 1997, e no II Congresso Nacional de Linguística e Filologia, realizado na UFRJ, em 1998.

\*\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

dente de seus usuários, o que dirá entre os que a encaram como forma de interação, estabelecadora e mantenedora das relações humanas numa determinada situação e num contexto social, histórico e cultural? Nessa linha de pensamento, diríamos, com Castilho (1990, p. 106), que a linguagem é postulada como um “fenômeno heterogêneo, como um conjunto de usos”. Ora, a implicação metodológica disso é uma proposta analítica que aborde o enunciado (produto) como instância constitutiva do evento enunciativo (produção) que traz em seu bojo pistas relativas ao seu processamento pelos protagonistas que o agenciaram.

Optando por esse modo de ver e de examinar a língua, no presente trabalho, elejo, como objeto de estudo, certos usos do termo/expressão **tipo (assim)**, que, paralelamente a outros itens/expressões correntes no discurso oral dos jovens brasileiros (sobretudo dos adolescentes), vêm se disseminando na fala adulta e até mesmo se insinuando na modalidade escrita. Dentre eles citem-se: *inclusive, onde, a nível de, de repente*, etc., que, juntamente a **tipo (assim)**, objeto central do presente estudo, vêm sendo reanalisados, semântica, gramatical e discursivamente como lexemas distintos de sua classe originária.

Esses e outros termos de caráter nocional como *disparar, penalizar, resgatar, ficar, alugar, praticar (preços), ter/dar retorno, carismático, lisonjeado, excitoso, transparência, arranjo, evento*, etc., vêm sofrendo o repúdio da ala purista da mídia, que não vê com bons olhos seus deslizamentos semânticos e as novas funções – sintáticas, discursivo-textuais e conversacionais – que vêm assumindo na ação interlocutória diária empreendida pelos usuários da nossa língua.

Numa postura preconceituosa, que, segundo Aitchison (1981, p. 19) é essencialmente de caráter social, esses fiscais lingüísticos, em geral, atribuem ao grupo jovem a responsabilidade do que consideram um verdadeiro “crime” contra a língua. Como testemunhos desse juízo desfavorável, mencionem-se aqui rótulos como “geração sem palavras”, “geração oca”, “recriadores inabilidosos”, “assassinos do português”, dentre muitos outros, que são imputados à fonte presumível dos “desvios” à norma culta, padrão de linguagem assentado no uso literário.

Nessa avalanche de acusações e impropérios, que sinaliza um retrocesso nos estudos da linguagem e no seu ensino, é possível, contudo, detectar um benefício prestado por seus autores: o de arrolar as formas condenadas e indicar o seu novo estudo semântico e/ou funcional. Guardadas as devidas proporções, tal postura corretiva nos lembra o famoso *Appendix Probi*, glossário latino datado provavelmente do século III d.C. Principal fonte escrita para o estudo do latim vulgar, seu autor, anônimo, mas certamente com preocupações pedagógicas, arrola duzentos e vinte e sete verbetes recolhidos da fala cotidiana, registrando, em coluna paralela, as formas cultas correspondentes a cada uma das formas vulgares: *vetulus non veclus; catulus non catellus; nurus non nura; vobiscum non voscum*, etc.

Como ilustração desse sentimento conservadorista e da aversão aos chamados “modismos” correntes entre nós, transcreva-se aqui o seguinte comentário do

conhecido articulista da revista **Veja**, Roberto Pompeu de Toledo, em sua seção “Ensaio”, a propósito do “mau uso” do verbo/*praticar/prática*, junto ao substantivo *preço*, e do substantivo *consenso* por alguns de seus colegas de imprensa:

*Afunda-se no pernóstico, da mesma forma que as canelas do repórter afundam na lama, no afã de aprofundar a cobertura das enchentes, toda vez que um preço é **praticado**, em vez de **cobrado**, ou que uma reunião não alcança um **consenso**, em vez de **acordo**.* (Toledo, 1994, p. 106. Grifo meu)

Cumprir notar que esse zelo lingüístico em prol da chamada norma padrão não pára por aí. Ao lado desse trabalho “lexicográfico”, os nossos articulistas-pedagogos costumam nos brindar com verdadeiras aulas de gramática e de etimologia portuguesas, no afã profilático de banir as transgressões originadas de situações interlocutórias mais coloquiais e no intuito de impedir sua fixação em nossa língua.

E mais: ao responsabilizarem a juventude, ou os colegas de profissão, por tantas insurreições contra os cânones vigentes, na verdade, conforme tive a oportunidade de comentar, esses guardiães do português estão respondendo a uma velha e complexa indagação que os estudiosos da variação e mudança lingüísticas se preocupam em responder, qual seja, a questão da origem da nova forma, regra ou fato. No caso em pauta, as suspeitas de nossos jornalistas acerca da fonte implementadora – o grupo jovem – se mostram em consonância com as pesquisas sociolingüísticas, que apontam essa faixa etária como gerenciadora da introdução e difusão de alterações na língua vernácula.

Feito todo esse preâmbulo para situar melhor o trabalho aqui desenvolvido e justificar os rumos tomados, consideremos a seguir o seguinte conjunto de dados ilustrativos de alguns dos “desmandos” lingüísticos apontados pela mídia e coligidos por mim de conversas espontâneas de alunos de Graduação e Pós-graduação em Letras:

- (1) Loc. 1: “essa tal de DÊI::xis... só serve mesmo é pra enchê a cabeça da GENTE...”  
 Loc. 2: “**incluSI::ve...** agora e desaprendi o pouco que sabia de aNÁfora...”
- (2) Loc. 1: “eu de-**TES**-to que me façam esperá...”  
 Loc. 2: “**a nível** de podê ficá bateno PA::po... até que é bom...”
- (3) Loc. 1: “sei **NÃO::...** a Lucirene num vai consegui muita coisa com esse assunto de dissertação não...”  
 Loc. 2: “**de repente** as frases que ela tá trabalhano vão ajudá de**MAIS::...**”
- (4) Loc. 1: “tô detes**T**Ano as aulas de Lingüística...”  
 Loc. 2: “cê pergunta demais::... **onde...** por **MIM::** eu prefiro ficá calada...”

Termos e expressões – forma, ou seja, não nocionais, tais elementos vêm sendo utilizados em novos contextos, nos quais passam a exercer diferenciados papéis, constituindo-se como marcadores conversacionais, seqüenciadores ou inter-

ruptores da malha tópica, operadores argumentativos, etc.

No rol dos dados expostos acima, é fácil constatar essa versatilidade funcional, que pode estar associada a um deslizamento (ou até esvaimento) semântico, como se dá com a locução adverbial *de repente*, estudada por Lagazzi (1989). Considerando cada um dos exemplos, percebemos que o termo *inclusive*, costumeiramente apontado por nossos gramáticos como vocábulo à parte, indicador de ‘inclusão’, além de sinalizar a ocupação de turno conversacional pelo ouvinte (alocutário), serve para indicar apoio, adesão do mesmo à queixa do seu parceiro (locutor) de ação discursiva – o que tem o efeito de proporcionar uma maior sintonia entre os dois. No segundo caso, a locução *a nível de* (variante de *em nível de*), ao marcar tomada (normal) de turno, atua como operador do argumento apresentado pelo receptor-emissor, em oposição ao comentário do primeiro locutor. Essa é também a situação veiculada no terceiro excerto, em que a locução adverbial *de repente* se vê totalmente despida de seu valor temporal e usada para iniciar o turno de um interlocutor e a sua argumentação contrária ao modo de pensar do locutor. Finalmente, em (4), registramos um emprego de *onde*, completamente fora de seu contexto comum de ocorrência no qual ele atua como pronome-adverbial relativo (ou interrogativo) de aceção locativa. Em deslocamento próximo ao que se verifica no português arcaico (que o digam as **Cantigas de Santa Maria**, de Afonso X), aqui também ele se “supergramaticaliza”, ou se “discursiviza”, para codificar o ponto de vista, o aparato argumentativo de um dos protagonistas da ação enunciativa, que, no caso em exame, contraria a opinião do parceiro emissor.

Apesar da insuficiência numérica dos dados aqui transcritos e da brevidade de seu estudo, não podemos deixar de questionar a interpretação conferida ao Princípio de Economia pelos que insistem em deplorar a “pobreza lexical” do falante brasileiro, sobretudo dos grupos adolescente e jovem. Que tal substituí-la por “mobilidade lexical”?

No intuito de rever com o devido cuidado a questão, abandono os casos até então considerados e outros registrados na mídia, para me dedicar especificamente ao estudo do novo “status” assumido pelo substantivo *tipo*, que chega a fazer parceria com o advérbio de modo *assim*, no português oral do Brasil, estilo coloquial, conforme ilustrado a seguir:

- (5) a – “a sorte é que EU::... **tipo asSIM**::... graças a deus... sou brasileiro...”  
 b – “mamãe num vai querê me sustentá... **tipo assim**... não vai pagá pensão pra mim.”

Para tanto, tomo como suporte de análise a Teoria da Gramaticalização, em sua vertente contemporânea, de cunho funcionalista, diversa da versão tradicional. Como material lingüístico, valho-me de um “corpus” preliminar e provisório, coletado de um modo ainda assistemático de conversas espontâneas de adolescentes

e jovens e, em alguns casos, de adultos, a que se devem acrescentar algumas gravações de entrevistas televisivas. A transcrição dos dados segue, com algumas adaptações, as normas estabelecidas pelo Projeto NURC (cf. Castilho e Preti, 1987, p. 9-10), a saber:

- a) as maiúsculas indicam entoação enfática;
- b) ::, alongamento silábico;
- c) ..., qualquer pausa;
- d) —, silabação;
- e) ?, interrogação
- f) !, exclamação;
- g) [ (ligando linhas subseqüentes), superposição e simultaneidade de vozes;
- h) “ ”, reprodução de discurso direto, ou citações literais.

Num primeiro passo de análise, abordemos o fenômeno da *gramaticalização*, que vem afetando o substantivo *tipo*, a partir dos dois grandes prismas de enfoque da língua: imanentista ou integralista.

O primeiro concebe a linguagem como um sistema autônomo, que se define por relações exclusivamente formais e estruturais, isto é, internas. À luz de tal concepção, a *gramaticalização* tem sido enfocada sobretudo em termos de “ponto de partida” e “ponto de chegada”, sem maiores preocupações com os motivos e os contextos que levam o usuário a implantar as alterações. Confirma-nos isso a seguinte definição de Gonçalves (1987, p. 11), segundo o qual, estamos em face de um fenômeno “eminente diacrônico, que consiste no enfraquecimento ou na perda da significação léxica de um vocábulo nocional que, com isto, se integra no sistema estrutural da língua”. Em termos mais sucintos, trata-se, no dizer do mesmo autor (p. 11), da “transformação de um elemento de significação externa (palavra autônoma) em um elemento de significação interna (palavra-forma)”. Essa é a idéia que norteou os trabalhos de autores do porte de Meillet (1912-1948), introdutor do termo, Vendryès (1968), Vossler (1968), Câmara Jr. (1959), dentre muitos outros que se preocuparam com o fenômeno.

Mais interessados no produto do que no modo de condução do processo, os estudiosos do assunto, conforme já referido, costumam adotar o comportamento analítico de partir do termo-fonte (nocional) e articulá-lo à forma resultante, ou seja, gramaticalizada, apontando o descolorimento semântico do item original e o seu deslizamento para a classe de termos categoremáticos. A causa comumente apontada é o desgate do uso do termo no fluir do tempo.

Mesmo que circunscrito a um objeto (a língua) considerado independentemente dos seus usuários e do seu contexto de uso, tal caminho de análise pôde contribuir para a investigação desse fenômeno, acompanhando o percurso evolutivo dos itens atingidos, levantando questões a respeito da classificação das palavras e suscitando dúvidas quanto à fluidez das fronteiras entre determinadas classes – problema que tem suscitado discussões entre os estudiosos da língua.

Optando por uma visão funcionalista (e, portanto, integralista), que concebe a língua como uma atividade histórica e sociocultural, que se constitui no jogo interacional dos actantes envolvidos, proponho-me aqui mostrar que os neologismos funcionais do termo *tipo*, acoplado, ou não, ao advérbio *assim*, não devem ser interpretados como resultado de carência de conhecimento vocabular, da parte do usuário, mas como a efeitos de processos como o de gramaticalização e discursivização, agenciados no “fazer linguageiro”.

Na mesma linha de pensamento de autores como Heine & Reh (1984), Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), Castilho (1995, 1997), Martelotta, Votre e Cezario (1996), Neves (1997), dentre outros interessados na questão, privilegio o estudo desse item/expressão, no intuito de averiguar a associação entre a sua recategorização e os objetivos e intenções do falante no uso do mesmo (a) na sua atividade locutória. De antemão, transcrevo abaixo o seguinte comentário de Castilho (1997, p. 31) acerca da visão que tem do processo e dos estágios em que o mesmo se desenvolve:

*Entendo por gramaticalização o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. (...). Num sentido mais amplo, a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas lingüísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processo da informação, etc.*

Pelo que se pode entrever nos termos acima e na própria seleção de um fato em vigência no estágio atual da nossa língua, conclui-se que estou considerando, como o autor supracitado e nas mesmas trilhas das investigações sociolingüísticas, que o trajeto do fenômeno em pauta pode ser apreendido não só no tempo real mas também no tempo aparente, que é o que me cumpre efetuar aqui. Além do mais esse trajeto não implica necessariamente sucessividade, mas pode se realizar em eventos simultâneos.

Rastreado o itinerário evolutivo do vocábulo *tipo*, constatamos em Nascentes (1966, p. 732), que se trata de um substantivo originado do grego *typos*, que chegou até nós por via erudita na acepção de “cunho, molde, sinal deixado por forte impressão”. Usado em diferentes campos científicos, no **Novo dicionário Aurélio** (1986, p. 1.679), ele aparece expressando “aquilo que inspira fé como modelo”; “coisa que reúne em si os caracteres distintivos de uma classe”; “exemplar”; “modelo”, além da acepção mais familiar de “pessoa esquisita, excêntrica”.

Nesse passo inicial do estudo, é possível uma primeira ilação a propósito do sentido do termo em tela: ele se acha relacionado com o campo semântico da modalidade. Os exemplos abaixo ilustram o seu uso mais comum até então, ou seja, como núcleo de um SN:

- (6) a – “eu sou um **tipo** de pessoa que vira BIcho quando mexem comigo...”  
 b – “engraÇA::do... esse Leonardo di Caprio... num faz o meu **tipo**...”

Em enunciados como os de abaixo, constatamos certa coligação do lexema **tipo** com o advérbio de modo **assim**, mas o seu estatuto nominal ainda não foi comprometido, ou seja, a sua configuração estrutural é de núcleo do Sintagma Nominal. Tanto é que ele pode aparecer acompanhado de determinante ou modificador:

- (7) a – “num consigo lidá com esses tipo de gente **assim**... que num mostra a cara...”  
 b – “Ronaldinho é aquele tipo de jogador **assim** que tá SEMpre surpreendendo a gente...”

A fase seguinte nos mostra um deslizamento semântico de **tipo** e sua reanálise como advérbio de cunho delimitador (veja-se, a propósito, a análise de Castilho, 1997, p. 38) – o que lhe permite uma associação mais forte com o advérbio de modo **assim** e uma certa condensação dos dois numa mesma unidade fônica, conforme se pode verificar em exemplos como:

- (8) a – “eu mandei ele fazê uma lista de palavras... **tipo** essas **assim** que o pessoal da informática tá usando...”  
 b – “no ônibus cê tem aqueles paninho **tipo assim** lenCInho... pra cabeça dos viajantes...”

Exibindo os dois constituintes – **tipo** e **assim** – em adjacência (exemplo 8b), ou não (exemplo 8a), a emergência dessa nova locução, constituída subseqüentemente à essas fases anteriores aqui expostas, corrobora a existência de um “continuum” e de uma orientação unidirecional, que, desde os estudos de Meillet (1912-1948), têm sido apontados como intrínsecos ao processo de gramaticalização.

Nessa parceria, a nova locução não pára na sua caminhada de recategorização e gramaticalização. Despojando-se, muitas vezes, de sua acepção modal, ela se investe de várias outras nuances semânticas, passando a funcionar como marcador (mais, ou menos, vago) de tempo, lugar, idade, quantidade, causa, explicação, hipótese, etc., num espaço sintático fora do SN. No conjunto de dados a seguir, testemunhamos esse novo perfil sintático-semântico, na esfera intra-sentencial:

- (9) a – “eu tô pensano chegá LÁ... **tipo assim**... DEZ horas...”  
 b – “cê me Leva e fica me esperano **tipo assim** lá FOra...”  
 c – “se é pra comPRÁ::... vão comprá de uma vez **tipo assim** DEZ caixa...”  
 d – “ela diz que tem TRINta... mas deve tê **tipo assim** uns cinQÜENta...”  
 e – “é bom encomendá **tipo assim**::... pasTEL::... coXI::nha... imPA::da... essas coisa...”

No nível inter-oracional, encontramos o novo par no exercício do papel sintático de complementizador, que vai assumindo a carga semântica de itens conjuncionais distintos. Ilustram isso os dados de abaixo, nos quais *tipo* (*assim*) expressa, respectivamente, explicação, causalidade e finalidade:

- (10) a – “minha professora de matemática é HO::mem... **tipo assim**... ela é trun-CUda...”  
 b – “ninguém tá quereno paGÁ... **tipo assim**... num tá confiano nesse tesoreiro...”  
 c – o sujeito tinha uma mercedes e vendeu ele... **tipo assim**... comprá um fusca...”

Em alguns casos, a nova dupla aparece completamente afastada de sua aceção delimitadora, servindo, numa espécie de uso retórico, para indicar algum aspecto associado ao jogo interacional e às intenções de seus actantes. É o que se dá, por exemplo, nos seguintes casos:

- (11) a – “e aÍ:: **tipo assim**... graças a Deus sou brasileira...”  
 b – “o nome dela... **tipo assim**... é Cunhã...”

No bloco de dados abaixo, registra-se a ocorrência de *tipo* desacompanhado de *assim*, e reanalisado como elemento exterior ao SN:

- (12) a – “elas são HORroRO::sas... **tipo** as filha de Zé Dutra... tipo canhões de Navarone.”  
 b – “a gente num pode esmorecê... **tipo** deixá tudo prá lá...”  
 c – “e lá fui eu tipo ladera abaxo...”

Numa avaliação (parcial) do panorama aqui delineado, podemos concluir que o novo perfil semântico-funcional de *tipo* (*assim*) consubstancia um caso de gramaticalização em curso, independentemente de seu caráter passageiro, ou não. Evidência disso são os três níveis, que, segundo Heine & Keh (1984), costumam ser atingidos pelo processo, quais sejam, o semântico-funcional, o morfossintático e o fonético. Quanto ao primeiro, vimos que, no seu novo uso, o substantivo *tipo* vem se distanciando semanticamente de seu item lexical-fonte e assumindo novos papéis intra e inter-sentenciais (além dos discursivo-conversacionais a serem discutidos a seguir). Paralelamente a isso, vem sofrendo uma coalescência morfológica com o advérbio *assim*, podendo até mesmo valer sozinho pelo conjunto recém-construído. Essa fusão tem reflexos fônicos, que culminam na constituição dos dois componentes num só grupo de força e no enfraquecimento da tonicidade do ex-substantivo.

Uma evidência empírica dessa deslexicalização em curso, que, a bem da verdade não bloqueia o antigo uso de *tipo* como substantivo, é a impossibilidade de



co-ocorrência de um determinante ou modificador no seu novo contexto de uso, segundo nos demonstra a agramaticalidade de sentenças como:

- (13) a – \* Ele vive o **tipo assim** muito sozinho.  
 b – \* Você não falou que ia chegar o **tipo** seis horas?  
 c – \* Ele queria uma calça o **tipo** curta.

Outro aspecto a apontar é o da direcionalidade do fenômeno. De acordo com Hopper & Traugott (1993, p. 7), a gramaticalização se processa unidirecionalmente na seguinte ordem escalar: item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional.

No caso em apreço, em que o fenômeno se encontra em andamento no português hodierno, podendo, ou não, prosseguir, divisamos as seguintes fases, em processamento simultâneo:

*item lexical pleno (tipo como substantivo) > palavra gramatical (tipo acoplado a **assim**, em função adverbial, conjuncional, etc.) > clítico (tipo foneticamente esmaecido junto a **assim**).*

Em outros termos, admitindo, com Castilho (1995, p. 3), que

*o processo da gramaticalização incorpora os processos secundários da sintaticização (um item lexical altera suas propriedades sintáticas), morfologização (uma classe sintática assume propriedades morfológicas, transformando-se numa classe morfológica, como no caso dos verbos auxiliares) e desmorfenização (um morfema desaparece e todo o processo recomeça como no caso da perda do morfema de futuro (re), na LF (Língua falada). (Grifo meu).*

diríamos que o substantivo **tipo**, adjungido, ou não, a **assim**, vem se sintaticizando na nossa língua oral como marcador de circunstâncias delimitadoras de qualidade, tempo, lugar, modo, etc., no interior do espaço oracional (e, por conseguinte, fora do SN), e como complementizador no nível inter-sentencial. Além disso, com a sua fusão composicional com o advérbio **assim**, ele acaba se “morfologizando” numa sorte de modalizador/intensificador deste último, sem o qual forma um só grupo fonético.

Vale notar que a nova dupla não se aloca exclusivamente em posição antecedente ao elemento que modifica, conforme nos apontam os exemplos arrolados até aqui. Não são poucos os enunciados em que **tipo assim**, numa espécie de anáfora (globalizante), serve para dar fecho a uma informação, opinião, expressão circunstancial, listagem, etc., segundo nos comprovam os dados a seguir:

- (14) a – “por mim... eu quero mesmo é fazê advocacia... **tipo assim**...”  
 b – “e EU... que num consegui pregá o Olho... passei a noite rolano na cama... **tipo assim**...”  
 c – “tem dia até que ele tá mais tragável... mas na maior das vezes ele é IN-su-por-TÁ-vel... um SA::co... **tipo assim**...”

Nestes e nos demais casos aqui ilustrados, a locução em apreço quase nunca se restringe ao exercício de um papel único. Prova disso é o seu caráter de operador argumentativo em inúmeros dados aqui expostos, dentre os quais (12 a), abaixo repetido, em que o locutor busca dar provas, por meio de comparações, do grau de “feitura” de suas vizinhas, numa tirada argumentativa hiperbólica, expressa escalarmente:

- (12) a – “elas são HORroRO::sas... **tipo** as filhas de Zé Dutra... **tipo** canhões de Navarone...”

Em paráfrase esclarecedora, teríamos o seguinte enunciado, correspondente a (12 a):

- (15) “Elas (as vizinhas de que você está falando) são tão feias que se parecem com as filhas de Zé Dutra (as moças tidas como mais feias da cidade) e com os canhões de Navarone.”

Ampliando o universo lingüístico até aqui enfocado – da sentença e do período – e estendendo-nos ao discurso, vamos constatar o emprego desse neologismo pelos usuários (jovens) da nossa língua, nessa dimensão, promovendo a sua *discursivização*. Evidência contundente disso é a sua utilização como “forma de dizer” ou seja, como elemento de função similar aos verbos e expressões “dicendi” (*dizer, falar, contar, perguntar, responder, retrucar, pergunta, proposta, crítica, discussão*, etc.), que servem para criar, articular e modalizar uma nova situação de elocução no interior da instância fundadora do discurso, ou, nos termos da Gramática Tradicional, para instituir o discurso direto. O conjunto de dados abaixo registra tal possibilidade, de grande vigor entre nós:

- (16) a – “eu tamém sou danada de ciumenta... então **tipo assim**... “comprô pro-cê... Gláucia (interlocutora e irmã da locutora)... tem que comprá pra mim...”
- b – “alguns jornalistas tavam jogano muito pesado com o Júnior... **tipo assim**... “se ocê tá velho... tem mais é que saí... CArá!...”
- c – “no FiorenTIIna... o show foi de Edmundo... ele empatô a partida **tipo**... “Luxembrugo... num esqueça de mim...”

Obviamente, essa marcação tem conseqüências para a estrutura textual, conferindo-lhe dinamismo e coerência. Nessa mesma linha de ação, o novo par costuma configurar-se como mantenedor ou rompedor da malha tópica, promovendo a continuidade do assunto, ou servindo para introduzir novo tópico ou subtópico. Os enunciados que se seguem demonstram, respectivamente, essas duas possibilidades funcionais, sendo que, no segundo caso (exemplo 18), a ruptura tópica se dá por conveniência do interlocutor, como um meio de evitar um assunto desagradável:

- (17) Loc. 1: “pra mim esse governo não tá com nada... basta olhá o mundo de SEM que nós temos... é sem TErra... sem TEto... sem diNHEIro... sem PERna... sem verGOnha...”  
 Loc. 2: “**tipo assim** não tá nem aí pro social...”
- (18) Loc. 1: “CA::ra... o seu CruZEIro... hein?”  
 Loc. 2: “**tipo assim**... ocê também acha que o Padre Marcelo tá alienano os jovens?”

Células conversacionais, esses dois excertos dialógicos nos indiciam claramente novas opções de seleção lexical por parte do usuário no exercício da interação verbal. Não é de estranhar, pois, que **tipo assim** seja usado como estratégia de gestão de turno (sustentação, realimentação, troca de falantes, sobreposição de falas, etc.), de manipulação da própria fala pelo locutor (hesitação, repetição, auto-correção, etc.), de negociação discursiva (convivência, discordância, heterocorreção por parte do interlocutor, etc.), dentre outras possibilidades. Nos diálogos transcritos acima, por exemplo, a locução em apreço serve como marcadora de ocupação de turno. Já em (19), abaixo, ela expressa assalto ao turno alheio, com sobreposição vocal no caso do segundo exemplo:

- (19) a – Loc. 1; “pelo que tô veno... esse tal pastor está  
 Loc. 2: fanatizano o povo...” } **tipo assim**
- b – Loc. 1: “essa daí eu num coNHEço... NUNca vi mais  
 GORda...  
 Loc. 2: procê” } tipo... é uma incógnita

Por sua vez, os dados a seguir ilustram situações de auto-gerenciamento verbal, em que o usuário seleciona **tipo assim** para indiciar repetição parafrástica, hesitação e auto-correção (de caráter eufemístico) respectivamente:

- (20) a – Loc. 1: “CÊS é que pensam que tá tudo numa boa... **tipo assim**... um mar de rosa... **tipo assim**... um paraíso...”
- b – Loc. 1: “se a saia é ouro VELho... um sapato **tipo assim**... douRAdo deve dá... **tipo assim**... marRON...pra contraste...”
- c – Loc. 1: “eu não entendo essa insistência da Globo no Francisco Cuoco... ele tá pra lá de gagá... **tipo assim**... não é que teja tão velho... **tipo assim**... ele não é velho... mas não dá!”

No que tange à negociação entre as instâncias discursivas locutor x alocutário, encontramos, no “corpus” coligido, situações em que **tipo (assim)** introduz opiniões, avaliações e idéias convergentes ou divergentes do interlocutor em relação

ao seu parceiro. Os dois blocos de dados a seguir exemplificam, respectivamente, casos de anuência e de divergência entre os actantes enunciativos, sendo que, no último, instanciam-se atos de heterocorreção de cunho metalingüístico (exemplo 22b) e me-taconversacional (exemplo 22c). Neste último, o Locutor 2 cobra de seu interlocutor (Locutor 1) o respeito a princípios cooperacionais como os da Quantidade, Relevância e Modo, postulados por Grice (1975):

- (21) a – Loc. 1: “a questão não é eu gostá de matemática... é eu entendê...”  
 Loc. 2: “**tipo assim**”... entendê ocê enTENde... só que não confia...”
- b – Loc. 1: “pra mim esse governo não tá com nada... basta olhá o mundo de SEM que nós temos... é sem TERra... sem TEto... sem diNHEIro... sem PERna... sem verGONHA...”  
 Loc. 2: “**tipo assim** não tá nem aí pro social...”
- (22) a – Loc. 1: “agora eu tô na do forró...”  
 Loc. 2: “**tipo assim**... forró não faz meu gênero... meu negócio é rock...”
- b – Loc. 1: “isso tá é parecendo conto da Carocinha.”  
 Loc. 2: “(em tom de sarcasmo): **tipo assim** conto da Ca-ro-CHInha...”
- c – Loc. 2: **tipo assim**... cê tá falano... falano... e até agora não disse nada...”

A propósito destes e dos demais dados aqui expostos, cumpre observar que a multifuncionalidade de *tipo (assim)* é cumulativa. Prova disso é o exemplo (21b) que, apresentado anteriormente sob o número (17), ilustra o papel coesivo dessa locução, no seqüenciamento tópico.

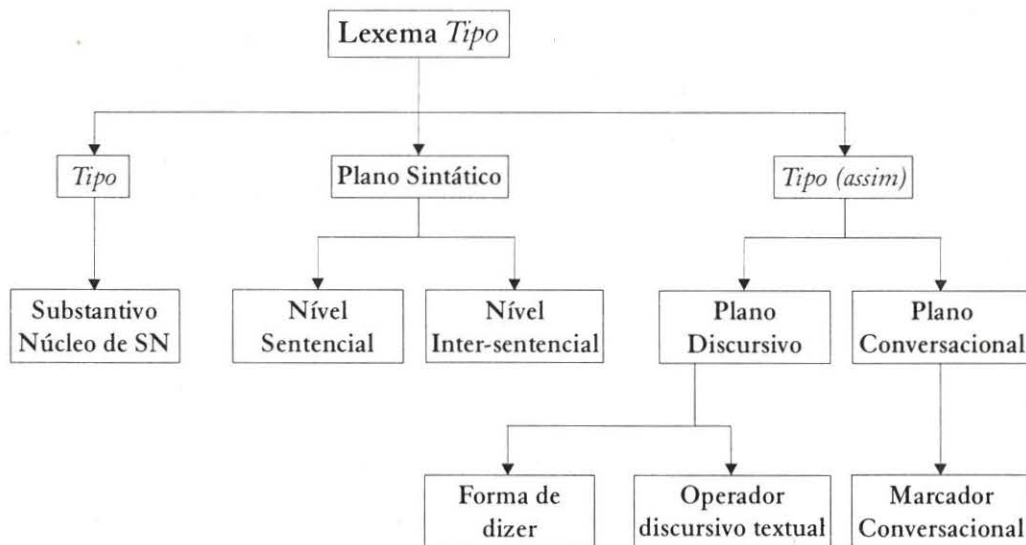
Uma última observação a fazer diz respeito à expansão desses novos usos assumidos por esse termo/conjuncto. Independentemente de seu futuro na nossa língua, em sua fase atual, pode-se constatar, mesmo sem uma sistematização quantitativa, o seu vigor de uso pelos usuários brasileiros, que não se limitam apenas à faixa etária jovem. Além da sua presença no discurso adulto, constatamos casos de ocorrência de *tipo (assim)* na língua escrita, conforme nos testemunham os seguintes dados, coligidos de alguns de nossos jornais e revistas e de redações de alunos do II grau:

- (23) a – “O Governo fez convênio **tipo** Cruz Vermelha.” (Revista **Veja**. Grifo meu)
- b – “Antigamente as pessoas saíam das escolas mais aptas a dar conta de uma carta ou de qualquer redação comercial; hoje, mal, mal conseguem escrever **tipo** um bilhete.” (**Estado de Minas**. Grifo meu)
- c – “Jovens que têm decepção amorosa e outros motivos **tipo** não gostam da vida, não têm ânimo, se sentem velhos.” (Redação de aluno do 1º ano do 2º grau. Grifo meu)

Recapitulando, a título de fecho, vimos que o substantivo *tipo*, cuja acepção básica é ‘cunho’, ‘símbolo’, ‘modelo’, vem sendo reinterpretado (ou reanalisado)

na nossa língua e gramaticalizando-se como advérbio delimitador de espaço, tempo, número, qualidade, intensidade, etc., ou como complementizador. Coexistindo com o item originário, ele costuma fazer parceria com o advérbio de modo *assim* e assumir funções sintáticas distintas das que são exercidas por um núcleo do SN. Nesse processo de sintatização (gramaticalização), o termo/expressão atua nos níveis intra- e inter-oracional. Ultrapassando essas dimensões, ele opera no módulo discursivo, marcando, dentre outras coisas, a continuidade ou a ruptura da malha tópica (discursivização). No plano conversacional, ele se desdobra em funções variadas, que vão desde o auto-gerenciamento da fala pelo locutor ao jogo interacional desenvolvido pelas instâncias enunciativas – emissor e receptor, com vistas a atingir os seus intentos.

Buscando configurar geometricamente esse conjunto de alterações que se processam, simultaneamente, na fase atual da nossa língua, temos o seguinte esquema mostrado na Fig. 1:



**Figura 1** – Fases do processamento da gramaticalização e da discursivização de *tipo (assim)* no português oral do Brasil

Cumprir frisar que não se esgotam aqui os novos papéis que o usuário brasileiro vem conferindo a *tipo (assim)*, nas diferentes atividades interlocutórias que tem a oportunidade de levar a termo, na qual realiza um trabalho na e com a língua portuguesa.

Para terminar, quero dizer que o estudo aqui empreendido põe em xeque questões como a avaliação negativa do efeitos do Princípio de Economia, a precedência entre módulos lingüísticos tais como o de discurso e da gramática (advogada, por exemplo, por Givón, 1979), a rigidez da dicotomia sincronia x diacronia, dentre muitas outras.

No primeiro caso, percebe-se claramente que “economia lexical” não significa empobrecimento (nem enriquecimento) da língua. O que se tem é uma liberdade de o usuário selecionar um item e atribuir-lhe novos traços, promovendo a sua utilização em novos contextos – discursivos, conversacionais, gramaticais –, segundo as necessidades demandadas por sua atividade interlocutória. Quanto à segunda questão, a co-ocorrência simultânea dos processos de gramaticalização e discursivização de *tipo* (*assim*) no português moderno contraria a hipótese genética de Givón, também contestada entre nós por autores como Castilho (1996). Essa simultaneidade de fases corrobora a idéia de entrecruzamento de sincronia e diacronia, apontado por autores como Mattos e Silva (1995) e Castilho (1997).

### ABSTRACT

This article intends to study the process of reanalysis involving the noun *tipo* in spoken Brazilian Portuguese. It can be observed that this lexical item, especially when connected to the adverb *assim*, has been employed in new contexts that are semantically and functionally different from those of its original source. This new status of *tipo* is evidence of the phenomena of grammaticalization and discursivization in progress in our country.

### Referências bibliográficas

- AITCHISON, Jean. *Language change: progress or decay?* London: Fontana, 1981.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro/São Paulo: J. Ozon, 1964.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Português falado e ensino da Gramática. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v. 25, n. 1, p. 103-136, março 1990.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Língua falada e gramaticalização: o caso da conjunção *mas*. São Paulo, 1995. (mimeo.).
- CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: UFBA, n. 19, p. 25-64, março 1997.
- CASTILHO, Ataliba T., PRETI, Dino (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP/T. A. Queiroz, 1987, vol. II.
- FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

- GONÇALVES, Vicente Geraldo. **Aspectos da gramaticalização no português**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1987. (Dissertação. Mestrado em Língua Portuguesa).
- GRICE, H. Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter & JERRY, L. Morgan (Ed.). **Syntax and semantics: speech acts**. New York: Academic Press, 1971, p. 41-58.
- HEINE, Bernd & REH, Mechtila. **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LAGAZZI, Suzi Maria. De repente bem mais que de repente. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. São Paulo: Pontes, 1989, p. 149-163.
- MAROUZEAU, J. **Léxique de la terminologie linguistique**. Paris: Paul Gauthner, [s. d.].
- MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião Josué e CEZARIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil; uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino do português**. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUBA, 1995.
- MEILLET, Antoine. (1912). **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1948.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1966.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). **Curso de lingüística geral**. Trad. Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1970.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. Abaixo a prática de preços. **Veja**. Rio de Janeiro: Ed. Abril, p. 104, 1996.
- VENDRYES, Joseph. **Le langage; introduction à l'histoire**. Paris: Albin Michel, 1968.
- VOSSLER, Karl. **Filosofia del lenguaje; ensayos**. Buenos Aires: Losada, 1968.